

**Descreve-me a tua experiência de doença?**

Então como se deve sempre começar pelo princípio, é assim, um dia, um dia fui, fui à Mealhada, faço BTT e então fui lá reparar uma bicicleta que eu tinha e estava lá um banco, um banco esquisito que o senhor tinha para arranjar as bicicletas, começamos todos na brincadeira e eu sento-me rapidamente no, no banco e dei um salto porque senti uma dor, palpo na base dos testículos e parecia que tinha lá assim uma coisa do género de, sei lá, de um, de uma azeitona, para aí assim mais ou menos, com as dimensões de uma azeitona. Como à tarde ía fazer tarde á urgência, fui lá e fui falar com um médico, não vou referir nomes, fui falar com um médico e fui mostrar aquilo e ele disse-me que, ficou assim muito assustado e disse-me que, que eu tinha de fazer uma TAC! Fazer uma TAC de urgência, para ver oi que é que, que era aquilo; eu fiquei, sei lá, com taquicardia, fiquei completamente desorientado por ele não me ter dito, um gajo com muita experiência em cirurgia ter-me dito uma coisa daquelas, não é?. Fui para casa, fui pensar, no outro dia venho à urgência, não estava de serviço mas venho à urgência e venho à procura de um cirurgião em quem confio muito, com quem me dou muito bem, vou e digo-lhe 'tenho aqui uma coisa muito chata para te mostrar e ele disse, pronto eu sei que é uma pilinha muito pequenina, já a vi, por isso não há problema (risos) e começamos a rir mas ele estava muito preocupado, eu lá falei com ele e ele observou-me, observou-me, disse que suspeitava do que fosse mas que não me ia dizer,

porque enquanto não tivesse certezas, e que, eu tinha de resolver aquilo rapidamente. Mandou-me fazer uma eco; a eco não deu nada de especial, disse que era uma zona de tecido mais, mais duro, mais rígido, com maior densidade e não disse mais nada; ele disse-me 'olha', já no fim de ver a eco disse-me assim 'olha, eu estou de serviço na terça-feira, isto era para aí uma sexta, ele disse 'olha eu estou de serviço na terça-feira, quero-te aqui de manhã, às 9 da manhã, porque vais ser operado! E eu voltei-me 'não vou não!, não vou ser operado enquanto não me disser a que é que vou ser operado!, então vou ser operado?. 'Não mas eu só no bloco é que te vejo o que é isso!'. Eu como confio um pouco nele, um pouco, embora com muito medo lá fui para casa e tal ah.. fui para casa ah.. e voltei, voltei, vim fazer os meus turnos de fim-de-semana e depois vim na terça-feira de manhã, na terça-feira de manhã, ele preparou-me, preparou-me para o bloco, ainda me lembra os colegas da urgência era verem-me me lá a mim, para, para ser puncionado não sei quê, uma colega picou-me 3 vezes e não conseguiu encontrar uma veia (risos), numa veia em que eu podia ver a veia a quilómetros, mas eu mantive-me quieto, não disse nada, disse-lhe a ela: 'olha Cristina tens de ter calma, estás nervosa como ó carago, já me picaste agora vê lá e teve de vir outro colega para me puncionar, porque ela não conseguia, estava muito ansiosa. Pronto e eu fiquei lá no corredor à espera, para ir para o bloco, aquilo passaram duas horas, para mim, para mim era uma eternidade, para já pele indefinição daquilo que ia fazer, ah.. muito ansioso .. não sabia muito bem o que é que me ia acontecer, tinha-lhe perguntado: 'é assim, eu tenho a minha vida toda, tenho a agenda que tenho, como é que é?,

eu sou operado hoje, hoje e amanhã ou logo à noite vou para casa e amanhã já estou a trabalhar! Dizia ele: 'não, não, não pense nisso!, não penses nisso!, não penses nisso!, vamos ver o que é e depois eu digo-te!'. 'epá, mas tens de me dizer antes de eu ser operado!, para eu ligar às pessoas e fazer trocas e essas coisas todas'. E ele disse-me: 'ai não ligas nada, depois tu ligas no fim de seres operado ou eu digo a alguém para tratar disso!'.

Lá fui para o bloco, mal dos meus pecados decidem fazer uma epidural, que é excelente para a intervenção mas é mau porque toda a gente que está ali à tua volta te conhece e toda a gente goza contigo! Olha, desde os colegas do bloco, os enfermeiros enfiarem-me, é assim, fiz epidural e tudo bem, perdi a sensibilidade abaixo da região umbilical, embora sentisse eles a tocarem-me, sentia o toque mas não sentia a dor, não sentia dor nenhuma nem nada, mas eles chegaram a gozar comigo, imobilizaram-me os braços e puseram-me meio semi-sentado, semi-fowler para aí, e imobilizaram-me já de propósito, porque, eles disseram que iam imobilizar os braços com o medo que eu fosse lá com as mãos, mas não!, era para me..para me entalarem! Enfiaram-me algodão no... Prontos, gozaram lá um bocado comigo. Mas isso, eu já devia estar á espera, porque eu também, às vezes, faço isso ou muito pior a eles (risos)! Por isso já estava à espera!

Pronto, depois veio o médico, vêm os dois médicos para me operarem, vêm os dois médicos para me operarem, pronto..começaram a ver e puseram o produto de contraste, então eu tinha uma comunicação entre o ânus até...junto mesmo

á base do escroto; existe uma mortalidade muito grande quando essa comunicação se perfaz, não é?, quando o ânus comunica com o saco do escroto, faz peritonite e as pessoas morrem, muitas das vezes, sem saberem que têm peritonite, mas não sabem o que é que a provocou e demora muito tempo, porque aquilo é muito profundo. Ele no fim de pôr o produto de contraste fizeram RX e descobriram o que era e abriram, a abriram aquilo tudo que tiveram de abrir, aquilo ficou, segundo eu dizia, fiquei com uma vagina da parte de baixo dos testículos; é assim, tinha uma profundidade para aí de 5 cm e era mesmo, era mesmo desde a base dos testículos até ao ânus, tudo aberto, que teve de cicatrizar por segunda intenção. Prontos, fizeram-me lá isso, então eu saí e fui para cima, para o recobro, lembro-me do percurso desde o bloco operatório da urgência até ao recobro anestésico do bloco central, assim meio apardalado, porque eu comecei a queixar-me com algumas dores e eles deram-me propofol; depois vim para cima, depois conhecia toda a gente que estava lá no recobro anestésico, os nossos colegas preocuparam-se, preocuparam-se muito comigo, preocuparam-se em informara a minha família, preocuparam-se em termos de... em termos de saber como é que ia ser a minha vida, o que é que, que turnos é que eu tinha para fazer e como é que era, nem me preocupei quase nada com nada disso porque eles puseram-me a dormir e eu fiquei a dormir; mais ou menos a meio da tarde fui para a cirurgia, fui para a cirurgia III; estava na cirurgia, tentei dormir um bocado, é assim, a anestesia, tendo a anestesia é excelente para o bloco mas depois não é nada de excelente porque, porque a gente tenta mobilizar as pernas e tudo e não consegue. E ter a bexiga

cheia, e não conseguir urinar com a 'porra' daquela anestesia, é o 'carago'! Pois tu viras-te de lado e tentas urinar mas não tens forças para urinar e aquilo é um desconforto brutal! Eu estive que tempos para tentar urinar, eles deixaram-me lá o urinol, eu tentei urinar, estive lá muito tempo a tentar urinar.. até que consegui urinar. Não sei se terá sido pelo esforço de eu estar atentar urinar ou não, comecei a sangrar, notei que os penso começaram a ficar.. fui lá com a mão e vi sangue, achei estranho! Toquei à campainha, veio o nosso colega, olhou para aquilo e disse 'ah, isso é normal!' (risos), e eu disse 'não, não! Eu é que sou anormal!, isto que está aqui será normal para os da cirurgia mas não é tanto, é melhor veres isto!', e ele disse 'ah não, não vou tirar o penso, não vou ver isso não sei quê não sei que mais', e eu 'pronto, está bem'. Lá foi, ele foi-se embora a dai a um bocado, quando eu olho tinha o lençol cheio de sangue; toquei na campainha, e então a segunda vez que toquei já não foi de forma simpática, já deixei lá o dedo a carregar, ele vem e eu disse 'olha chama-me um médico, se faz favor!', e o colega disse 'ah, eu vou ver isso! Eu vou ver isso!', e eu disse 'é assim, eu estou-te a dizer que tenho aqui um vaso a sangrar e.. tu vais ter que chamar um médico!, para ver isso'. Ele ficou assim um bocadinho, não sabia se havia de chamar o médico se não, e então (risos), ah.. não sabia se havia de chamar o médico ou não e tal, mas lá foi ver-me o penso. Foi ver e descobriu que eu tinha uma arteriolazita a sangrar; chama o médico, chamou o médico, um médico também meu conhecido, pronto, porque ali na urgência eu conheço quase toda a gente, mas é um brutamontes! Esse até eu digo o Nome dele (risos), ele chama-se A. e portanto chegou lá e 'epá, atão, o que é que se

passa?’ (tom agressivo); ‘estás a sangrar?, és mas é um maricas’ e não seu quê?, e eu disse-lhe para ele ‘é assim, olhe leve-me outra vez para o recobro anestésico, porque vocês na cirurgia não sabem tratar doentes’, disse-lhe eu para ele e ele diz ‘ah, mas estás a dizer isso porquê?’, porque eu estou para aí a sangrar brutalmente e vocês não, não me resolvem isto; ‘ah mostra lá, mostra lá isso!’; foi ver, olhou para aquilo e disse assim ‘olha vai buscar uma seda, vai buscar uma seda dois zeros e um porta agulhas, que a gente faz já isso’. E eu, vejo ir buscar a seda dois zeros e eu disse assim ‘então mas a seda dois zeros vai dar um ponto, bem isto está-me a doer como o ‘carago’, isto está-me doer, já estou impaciente com dor’; ‘opá isto é só um ponto, só o tempo de eu te estar a dar um ponto, só o tempo de te estar a anestesiar, o ponto pá é um instante, é um instante’. ‘é um instante o ‘carago!’, quando ele mete a agulha, eu até estava relaxado, dei um salto, fogo! .. uma dor! Uma dor, chamei-lhe, chamei-lhe tudo menos Santo, chamei-lhe tudo e ele começou a berrar comigo e a dizer que não admitia que eu lhe chamasse determinados nomes, eu pus-me a refilar com ele, a dizer que eu é que não admitia que um filho da ‘puta’ qualquer me desse um ponto no rabo e não, e eu não me queixasse. Pronto, lá estive, lá me conseguiu resolver aquilo, chamaram o cirurgião que me tinha operado, até estava em casa, por acaso foi simpático esse gajo, veio cá, lá me tirou o ponto, á me tirou o ponto que o outro me tinha colocado, deram-me um bocado de propofol, e eu lá acalmei, lá me deu dois pontinhos naquilo e aquilo ficou, ficou mais ou menos. Pronto é assim, dos colegas: os colegas inicialmente, estavam a dizer que eu não estava a falar verdade, que nem sequer estava a sangrar, mas

eu chamei-os à atenção e disse 'epá, o doente, às vezes, tem razão, ouviram?' ; às vezes não tem mas outras vezes tem. A partir daí tiveram uma postura diferente, parece que ficaram com muuuito mais medo de mim, qualquer coisa que eu fazia eles não sabiam onde se haviam de pôr, faziam de tudo o que eu pedia (risos), até demais, tanto que houve dias em que eu abusei, já de propósito, só para ver se eles (risos), se eles fariam ou não fariam o que eu lhes pedia e eles fizeram! Pronto, estive lá internado durante 3 dias, é lógico que aquilo cicatrizava por segunda intenção e tinha que fazer pensos duas e três vezes por dia, o acto de defecar exigia sempre uma lavagem e um penso, tive de tomar medicamentos para as dores porque aquilo ficou completamente aberto a cicatrizar por segunda intenção, doía muito, pronto mas houve assim um acompanhamento durante aqueles dias que lá estive internado. Depois tive alta, tive alta, o médico que me operou também foi um gajo com toda a calma, um gajo que sabe aquilo que faz e é... é um gajo que se preocupa com o doente, não sei se era por ser por mim se era por todos igual mas eu acho que é por todos igual, por aquilo que eu conheço e vejo na urgência o desempenho dele, eu acho que ele é igual, que ele cuida, preocupa-se com os doentes, se estão bem, se têm dor se não têm, se é melhor ser assim se é asado, ele preocupa-se. Depois, olha, pronto saí, depois andei, estive de baixa cerca de dois meses, aquilo demorou, para aí, esse tempo todo a cicatrizar por segunda intenção, de baixo até cá cima; ainda tive uma complicaçõzita a meio, tive uma ligeira infecção lá no local e tudo, mas depois tudo bem, a colega, a colega dos, da .. da consulta externa, a que faz os pensos, também foi uma pessoa impecável, eu ía

lá fazer os pensos, depois mais tarde até foi um colega conhecido que foi lá a minha casa fazer-mos o resto do tempo e depois, passado um tempo, também comecei eu a fazê-los: pôr-me de pernas para o ar, em frente ao espelho, a fazer o penso, também um gajo assim adquire alguma (risos) alguma capacidade de ultrapassar a situação. Pronto, é assim, agora podes-me perguntar 'o que é que isso, em termos, em termos profissionais; o que é que isso pode repercutir?', eu acho que não modificou o meu comportamento, ah.... Eu, pronto, já há algum tempo, o que me marcou mais, o que me marcou mais foi a situação do meu pai, até ele falecer, porque eu passei por situações de grandes erros dos enfermeiros e deparei-me com algumas, eu vou-te só dizer uma rapidamente, que é para que tu.. 'um dia estava se saída da VMER, devia ser para aí a última saída, aí perto da uma e meia da manhã duas, o meu pai estava internado na cardiologia e eu perto das duas da manhã vou ver o meu pai, vou lá acima; opa prontos, aquela hora, quando eu entro, está tudo fechado, tudo, as luzes todas apagadas e eu entrei por ali a dentro! Vejo a luz do alarme da porta do meu pai acesa, quando lá chego, à porta, vejo o meu pai debaixo da cama, com soros arrancados e não sei que mais, ah.. deparo-me com aquilo, dou meia volta, não, não, não dei meia volta, fui direito ao meu pai, peguei nele, não conseguia porque ele era muito pesado, o meu pai pesava tanto como eu ou mais e eu tive que me valer um pouco de arrastá-lo para o lado e tal, até que o consegui pôr em cima da cama. Tinha um tronboembolia pulmonar, o oxigénio não lhe chegava ao cérebro, então ele estava completamente desorientado e eu tive que me deitar em cima da cama e começar aos berros com ele, até ele acalmar,



até ele acalmar e reconhecer-me e depois dizer 'é o meu filho! É o um filho!' e de ficar quietinho na cama. Opa, com estes berros todos e tudo ninguém acordou naquela enfermaria; eu levanto-me, levanto-me lá da cama porque eu deitei-me em cima da cama, de um lado e de outro para o segurar, levanto-me lá e vou, vou à procura; encontro uma senhora auxiliar que estava deitada num cadeirão dentro da sala de reuniões de enfermagem, pois aquilo é tudo pequenito sabes como é que é?, naquela salinha de reuniões estava assim um cadeirão e ela estava deitada e do outro lado estava o enfermeiro, ?ai eu não pensei, não pensei, e meti as mãos no cadeirão, virei a auxiliar para o lado de lá, ficou debaixo do cadeirão, e vou lá e pego pelas pernas do enfermeiro e trago-o de rastos até ao (risos) até ao corredor. Pronto ... pronto, fiz uma queixa dele, que depois, passados dois dias, tirei-lhe a queixa, mas estavam dois enfermeiros de serviço, e estavam aqueles a dormir ali e o outro a dormir lá dentro na, na salinha de repouso. É assim, não mudou muito, em termos de intervenção, o meu comportamento perante as pessoas, às vezes posso ser um bocadinho rude, da forma sob stress ou isso, mas normalmente, mas normalmente ouço as pessoas, consigo ouvir as pessoas e tentar fazer o que eu posso achar melhor para aquela pessoa, embora à vezes não sou, não deva ser eu também só a pensar assim, mas também tenho, às vezes, tenha a mania que, a mania que eu tenho que pensar pelas outras pessoas (risos) e que.., eu faço aquilo que eu julgo que é melhor para aquela pessoa, às vezes eu pergunto às pessoas o que é que elas querem e elas dizem-me uma coisa e eu penso que não é aquilo e não faço aquilo que as pessoas pensam que será o melhor para elas. Pode ser

pelos conhecimentos que tenho, pode ser por, por, sei lá, por múltiplas razões, um somatório de experiências e tudo que me fazem levar a pensar assim; não sei se é errado se não, falo com muitos colegas, muita coisa, às vezes acerto, outras erro como toda a gente. Opa pronto é assim! Queres saber mais qualquer coisinha que eu tenha me perdido no meio disto tudo?

**Eu vou pegar aqui, logo no início da tua entrevista, disseste que procuraste uma segunda opinião. O que é que te levou a procurar uma segunda opinião?**

(risos) porque, aquela pessoa é uma pessoa conceituada, mas .. o que se traduz, nas coisas que ele faz, tem muitas falhas em termos profissionais e eu tinha esse conhecimento, na altura recorri a ele porque era ele o cirurgião mais qualificado que estava ali no serviço de urgência, mas quando ele me deu uma informação, uma informação .. eu não posso dizer vaga, o outro também, também me foi muito mais vago que este, mas aquele falou-me de uma forma, sei lá, como se eu estivesse para morrer daí a uma hora e eu fiquei completamente balançado e tinha que saber, tinha que saber de outras pessoas, se era realmente isso ou não.

**Mas essa tua necessidade de saber o verdadeiro diagnóstico ou aquilo que se passava, tem a ver com o facto de seres um doente na urgência para saber, ou o facto de seres um enfermeiro?**

Não. Por ter conhecimentos sim, a ver muito com a minha, com a minha, com os meus conhecimentos todos que me levam analisar aquela situação; é assim, eu próprio já tinha pensado o que é que seria aquilo, não é? já, eu próprio tinha pensado, tinha ido à net ver o que é que poderia ser aquilo e andava muito perto do resultado final que foi, não é? o outro, o primeiro que me disse alarmou-me para uma situação, que eu tinha de fazer um TAC, saber se aquilo só estava ali ou se estava em mais algum sitio; quando alguém te diz isso o que é que tu pensas, não é? (risos). Ficas logo completamente à, à toa.

**Falaste também que notaste nos colegas, o tratarem-te com alguma ansiedade. Pelo facto de seres enfermeiro? Ser um colega a tratar outro colega?**

Sim. Eu não sei se era por ser enfermeiro se por ser uma pessoa conhecida, uma pessoa conhecida, uma pessoa que as conhecia, que trabalhava no serviço de urgência, alguns que eram colegas e que trabalhavam na VMER comigo, ah... ah.. terá sido por aí, simplesmente por eu ser conhecido e ser enfermeiro, não é? Terá sido por aí.

**Como é que, o fazer o paralelismo entre enfermeiro e doente, como é que vivenciaste o papel de doente sendo enfermeiro?**

É assim, tu trazes, tu trazes ... não é?, o doente não consegue ser despedado do enfermeiro, não é?, porque todas as vivências, todos os conhecimentos e tudo é o doente carregado com toda a estrutura do enfermeiro, não é? é o somatório, é o somatório porque tu não consegues, nunca, separar as duas coisas. Eu posso

pensar assim 'epá, agora vou ficar aqui e não vou pensar em termos de como é que se faz isto, não vou não sei quê', é impossível! É impossível fazê-lo e, na minha maneira de ser, que sou muito frontal, ah.. tenho grandes dificuldades em não dizer aquilo que estou a sentir ou, ou até dizer a solução, como é que aquilo se deve fazer; eu tenho grandes dificuldades em não me exprimir, muitas dificuldades, porque, opa, não consigo ficar calado, não consigo ficar calado e depois, é assim, esta pessoa, como é que ela está?, eu preciso de saber como é que a pessoa está a pensar que vai fazer uma determinada coisa; enquanto eu não souber muito bem, se a pessoa não me explicar muito bem o que é que vai fazer eu vou interrogá-la e vou ser exigente. Vou ser exigente porque ...

**Mas, essa postura que tu tens, de interrogar, interrogação constante para saber o que o outro vai fazer, surge da necessidade, como doente, de saber o que é que se está a passar?**

Sim. Sim, é lógico.

**Na tua prática, como enfermeiro que cuida dos doentes, pensas da mesma maneira?**

Ah... quando (na postura contrária), era para dizer, 'quando tenho tempo!'. Não é quando tenho tempo, é quando a situação dá para isso, é mais isso e não quando tenho tempo. Quando a situação dá para isso eu explico, explico-lhes os passos e tudo, ainda agora temos esta situação do transporte das vítimas com suspeita de gripe A é importante a gente relacionar-se com as pessoas, explicar-lhes a situação, o que é que lhes está a acontecer, o que é que vai acontecer, os

riscos, explicar-lhes até ao mais ínfimo pormenor; depois ouvi-los, ouvi-los a satisfazer a sua curiosidade, em todos os aspectos. Isso é das coisas mais importantes para que uma pessoa vá e saiba quais são os próximos passos, se eu não souber quais são os próximos passos, da ocorrência ou da minha vida, eu vou ficar assim muito preocupado, eu vou ficar muito preocupado, em não saber as coisas que vão acontecer a seguir, epá, e se elas forem satisfeitas e se tu souberes o percurso, ah... agora tu vais me dizer assim, na tua área de trabalho, se eu tiver um tumor eu quero saber?, (silêncio), eu não sei (voz baixinha!). às tantas não quero saber!, porque, por muito que tu digas 'já passei por centenas de doentes, de doentes que conheceram o diagnóstico naquele dia, que conheceram o diagnóstico passado dois/três dias, que conheceram o diagnóstico passados quatro/cinco anos e outros são profissionais de saúde e outros não, e eu acho 'Feliz é aquele que não sabe para onde vai!', porque acredita sempre, porque acredita sempre! Porque acredita, porque pensa, está sempre a pensar que o dia seguinte é melhor que o de hoje e que isto tem cura e que .. depois apegam-se, apegam-se à religião, apegam-se a outras coisas, que eles vão valorizando, que lhes dão um suporte sentimental para eles se agarrarem; eu acho que no dia em que eu tiver uma situação crítica, e que eu saiba de antemão que isto para ali vai ser muito coiso, eu não, não sei o que farei. Eu não tenho capacidade de sofrimento, não tenho! Não consigo! Não consigo suportar o sofrimento assim, não é aquele sofrimento de hoje ou o sofrimento de amanhã, eu sou capaz.. eu já fui suturado na cara e tudo eu não quis anestesia, porque sabia que a sutura ficava muito melhor se não

colocassem anestesia, porque não fica aquele edema da anestesia e não sei que mais, pronto, mas .. mas numa situação crítica não sei, sinceramente. Não te sei dizer. É muito difícil!

**Na tua opinião, qual é a valor, se é que podes atribuir estes termo, que atribuis aos conhecimentos? De enfermagem para um possível enfermeiro doente?**

É assim, há muitos doentes que costumam dizer 'ah, você está para aí a falar mas você nunca passou por isto', 'você devia de ter passado por isso para valorizar isto, isto, isto, isto e isto!'. Eu acho que há pontos em que eles têm razão, que as pessoas, aquela coisa de gerir um acto por processo, ou seja, um acto teu, nem que seja, por exemplo, o acto de mexer a mão cinco cm, em milhões de processos e se tu conseguires desmontar aqueles bocadinhos todos que fizeste, vais conseguir valorizar todos os actos que tu fazes; se fazes um procedimento, um acto, seja o que for sem desmontares aquilo que fizeste, nunca valorizas aquilo que fizeste. E é um pouco o que se passa com a Enfermagem, e isso, porque a gente faz tanta coisa e chega ao final do turno e diz 'ah, nem fiz nada hoje. 'Olha fui ver aquele doente, falei com ele, ah mas isto tudo, nada de especial' e se fossemos ver realmente e desmontar aquilo passo por passo, tudo o que eu tinha feito ou o que as pessoas vão fazendo, aí tinha feito muito, muito e muito; as pessoas é que não valorizam aquilo que fazem!

**Também durante a tua entrevista disseste, quando foi naquela situação de o colega não ter tido em conta o que tu estavas a dizer, ‘que os doentes às vezes têm razão’. Fala-me um bocadinho sobre isso.**

Já me aconteceu algumas vezes e naquela vertente que eu falei à bocadinho, que eu, que eu não faço tudo o que o doente me pede, faço aquilo que penso, que racionalmente é melhor para o doente, já cometi muitos erros. Já cometi muitos erros de análise, em que analisei as coisas e não analisei as coisas como deve ser, por isso é que eu penso que devemos pôr sempre a capacidade de ter dúvidas sempre daquilo que estamos a decidir e não há melhor, não há melhor que ir ver, que ir ver e confirmar e dialogar com a pessoa para tentar apurar se aquilo que eu estou a pensar é o certo ou se, realmente, há ali um dado que eu não estou a analisar, que eu não estou a colocar na minha análise que possa fazer com que eu mude, mude para, mude seja o que for! Mude de comportamento.

**Esta transição de papéis, deixares de ser o enfermeiro que toda a gente conhecia no hospital e passar a ser um doente a ocupar uma cama do hospital, fala-me um bocadinho sobre essa experiência.**

(Risos). O pá, é assim, até foi curtido. (risos) até foi curtido! Porque é assim, não me deixaram descansar durante o tempo que eu estive internado, houve um dia que eu tive necessidade, queria mesmo dormir, tive de fechar a porta e tive de pedir aos colegas para não deixarem... porque, parecia uma romaria, o meu quarto, puseram-me, sei lá... fizeram-me trinta por uma linha, puseram-me lá

um lençol, um lenço, um lençol com desenhos, recortaram um lençol do hospital com desenhos, obscenos!, com frases, pintaram-me a cabeça, puseram-me terramicina, daquela em spray, no rabo, sei lá, fizeram-me, fizeram-me coisas ... mas é assim, eu volto a dizer o que disse à bocado, é assim, não é nada que eu já não tenha feito aos outros! E é nessa altura, nessa altura eles fizeram-me coisas, que eu na altura não, por um lado não queria, porque queria estar sozinho, não queria estar com ninguém ao pé de mim, achava que me sentiria melhor se estivesse sozinho mas é mentira! É mentira porque a importância que, que eles, que eles estavam a dar ao acto de me ir visitar, de me fazerem, durante a noite aparecerem lá e acordarem-me, de me molharem com álcool, de isto e daquilo, é, opa, é, é a manifestação de querer estar, do contactar, de se sentir próximo da outra pessoa, é uma manifestação, como todas as outras, de carinho e de, eu, o pá, no início eu queria paz e sossego, mas é lógico que ficava feliz quando via lá aqueles bandidos todos a moerem-me o juízo.

**Quando tu dizes que não te deixaram descansar, acabaste de dizer agora que era bom para ti teres lá as pessoas, mas sentiste nalgum momento, que no teu processo de doença, precisarias d estar um pouco só contigo ou era só porque precisavas de descansar?**

É assim, eu senti mais... é assim, eu sou uma pessoa que, quando tenho problemas, normalmente, eu isolo-me e penso, fujo! Isolo-me, fico quieto, fujo, fujo normalmente para o mar, é o meu refúgio. Eu sou capaz de passar um dia



inteiro sem comer, sentado no mar, a ouvir as ondas e estar ali a pensar na minha vida e quando o primeiro médico, me disse aquilo que disse... eu fiquei assim.. aí, aí eu fugi durante umas horas, fui para um refúgio, fiquei quietinho a pensar, não sei quê não sei que mais.

**O que é que pensaste? Quais foram os aspectos mais importantes, mais fulcrais do teu pensamento?**

Sei lá, a vida, pensei na vida e pensei nas minhas filhotas, nas duas. Eram os dois pensamentos que eu tinha. Primeiro é um julgamento da minha vida porque fiz ali um julgamento de todo o meu percurso de vida até ali, embora não tenha mudado, mudado muito o meu, o meu processo de vida, alguém já me disse, alguém muito querido, já me disse que um dia, em que eu tenha assim um enfarte ou uma coisa dessa, que eu vou valorizar isso. Aaa..aaa.. mas fiz uma análise da vida e do ritmo de vida que levo e tudo, se vale a pena ou não! isso foi uma das análises de vida e depois a relação, a própria relação com as minhas filhotas, o estar ou não estar presente com elas, ajudá-las ou não ajudá-las foi também .. é um dos itens que também me passou muito pela cabeça. E ouvir as vozes do meu pai a dizer-me, a dizer-me pronto para eu ter atenção às coisas, o meu pai dois/três dias antes de falecer falou assim, falou assim comigo e ele estava-se já a despedir, embora eu não tenha, não me tenha apercebido, porque ele morreu de repente, porque a artéria pulmonar rebentou, pronto. Mas ele já devia estar a, a antever isto, não é? e vinha fala muito comigo, para eu mudar, para mudar aqui, para eu fazer isto e fazer aquilo e sabes que quando

eu estou mais, mais, mais... preocupado com alguma coisa, muitas das vezes, são as palavras dele que me orientam, fecho os olhos e faço aquilo que ele me mandou, quase como um piloto automático, faz-me muita falta! Digo-te muita, muita ... o meu pai era um amigo, um amigo, ela não era meu pai era um amigo, ele sabia tudo, tudo, tudo da minha vida, tudo, tudo. Nunca mais, nunca mais ... voltei a encontrar assim um (confidente?), é.

**Deixa-me só falar-te de mais uma coisa, há pouco falaste que os colegas te faziam aquelas judiarias todas, para te divertir, sentiste um tratamento especial? Por seres profissional?**

Senti. Senti. ... senti, senti. Não tenho dúvidas nenhuma. A forma como me transportaram e me trataram no bloco; a forma como me transportaram, a preocupação, a forma como eu me sentia na enfermaria, mesmo a própria chefe ía lá todos os dias saber se estava tudo bem comigo e não sei que mais e várias pessoas do hospital, iam lá, sempre preocupadas, saber se estava tudo bem. Senti um tratamento claramente diferente de outro doente qualquer, isso senti, não tenho dúvidas nenhuma.

**Sentes que essa forma de tratamento te facilitou o processo de doença, da vivência?**

Ah facilitou. Facilitou porque as portas abriram-se, abriram-se, abriram-se, eu não, é assim, eu ía a uma consulta externa e não estava à espera para ser chamado para a consulta, é um tratamento completamente diferente do que outro doente; há doentes que esperam ali cinco/seis horas calmamente e o

colega para fazer os pensos, todos os tratamentos, todas as coisas, parece que têm as suas rotinas, as coisas são feitas para amanhã, não é nada para hoje e não sei quê, comigo não, comigo as coisas foram feitas no seu tempo real, com alguma atenção. Fui claramente privilegiado, disso não tenho dúvidas nenhuma.

35.00

**Olhando agora para a experiência no eu todo, qual é o significado que lhe atribuis?**

Em que termos?

**Em termos da experiência em si, o que é que te fez mudar, como pessoa e profissional, como ser no mundo? Já falaste que reflectiste um pouco antes, sobre a vida, quando estavas na dúvida do diagnóstico, mas esta experiência teve algum significado ou encara-la como uma outra experiência qualquer?**

O pá, encaro-a como mais um processo, mais um passo, mais uma etapa, uma etapa da minha vida, em que as coisas nem sempre correm bem, às vezes correm menos bem e em que prontos, houve, houve ali um corte, fui afastado da minha rotina de vida diária, houve um corte, eu fui afastado e depois fiz o

meu percurso e depois retornei, houve ali um afastamento do, do meu habitat natural (risos) e é lógico que isso traz sempre algumas aprendizagens, pelo menos, olha esse médico, por exemplo, que me suturou a primeira vez, ainda hoje, passa por mim e diz 'o pá, não quero nada contigo, tu és bruto que nem uma porta!, não quero nada contigo' e.. e eu, já lhe disse algumas vezes 'pois, pois é; quando você estiver assim ou quando alguém estiver assim, eu quero que você lhe pergunte se a pessoa gosta de levar ali um ponto e um repuxão ali como deve ser sem, sem anestesia, sem preparação, sem nada?'; 'eh e tal, queria resolver aquilo rapidamente e para tu não sangrares mais?; ?ah está bem, temos pena!'.

36.53